

'A Imortal, a Divina Suggia'

No Concerto de ontem, no «Teatro Rivoli», a grande violoncelista foi glorificada

Uma hora da manhã. A gloriosa, a divina Suggia — a «Imortal Suggia», no dizer verdadeiro e preciso do sr. dr. Joaquim Costa — acabou de tocar. Os acordes do «Rondó» de Boccherini, essa adorável filigrana que Maria Alice Ferreira tocou ante-ontem, entre palmas vivas, perduram nos nossos ouvidos. Musica divina tocada por mãos divinas — não morrerá!

De pé, na plateia, nos camarotes, nas frisas, no balcão e na geral, os auditores, uma hora da noite dada, persistem em aplaudir. Estão perdidos os ultimos carros. Os mais modestos de recuros terão de fazer, a pé, longos percursos. Ninguém tem pressa. Todos esperam ouvir mais. Um bocadinho só que seja... E as palmas continuam, prolongadas, demoradas, quentes. Suggia, enternecida, acede. Toca, acompanhada pela Grande Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional, extra-programa, um «andante» de Haydn. As palmas, trovejantes, aclamadoras, persistem. De novo enlaçada no violoncelo, sempre acompanhada pela Grande Orquestra, toca, então, o «Rondó» de Boccherini. Mais palmas, nova ovação. Ela agradece, sai do palco pela mão de Pedro de Freitas Branco. A ovação continua. Reaparece sete, oito vezes. As mãos dos espectadores queimam. Bate uma hora da manhã. Ninguém retira. Mas Suggia, vítima da sua arte, não pode continuar. Sai do palco — envolta no seu vestido negro, ondulante, no seu passo majestoso de Rainha. Apagam-se as luzes do Teatro. E, já na rua, a multidão rumorejante, inculre: — Sonho? Realidade?

*
 Criticar Suggia?! Criticar — mesmo para a louvar, para a exaltar, para a glorificar? A arte de Suggia, de origem divina, foge aos pobres cânones humanos. Ainda ha dias, nestas mesmas columnas, o dissemos: Ouve-se — de mãos erguidas. Ouve-se — como ela a realisa e executa — em transe espiritual.

*
 Do «Adagio» de Tartini, o extraordinario compositor e violinista italiano, á «Suite Ancienne», de Sammartini — Suggia, a grande Suggia, manteve-se, impecável, dogmaticamente, na linha inicial de beleza. A «Suite Ancienne», com os seus três andamentos, não teve, quasi não teve pausa — o que elevou o seu nobre sentido estético. A passagem do «grave» ao «vivace» teve, no violoncelo divino, efeitos divinos. A plateia, suspensa, dominada, magnetizada, não ousava respirar. No silencio fundo das almas — só as notas desferidas por Suggia vibravam. Era como que uma comunhão com Deus.

*
 O concerto de Dvorak, rico de melodia, riquissimo de cor — aproxima a arte de Suggia dos menos preparados para audições desta especie. «Não é preciso saber, basta ouvir!» E os ouvidos ficam atentos, voluptuosamente atentos. Do «allegro moderato» ao «adagio», do «adagio» ao «Finale» — vibrante, clamoroso, triunfal — Solista e Orquestra, animados do mesmo espirito, logram uma interpretação maravilhosa. E a 1.ª parte do Concerto termina como deveria terminar — apoteoticamente.

Segue-se a consagração a Guilhermina Suggia — com a leitura no palco, por Manuel Santos, o dinámico e simpático gerente do «Teatro Rivoli», do auto da inauguração da lapide comemorativa da passagem da Artista por aquela Casa. Descerra a lapide a sua aluna dilecta, Maria Alice Ferreira. Firmam o Auto alguns dos nomes mais illustres do Porto. Depois, em cena aberta, o sr. dr. Joaquim Costa, num fulgurante improvisado, explica as razões e o sentido da homenagem. Suggia recebe magnificas «corbeilles». Entregam-lhe, simbólicamente, uma corôa de louros. O publico — publico de escol, a maior parte em «grand tenue» — associa-se comovidamente á manifestação. E Suggia, dominando a sua emoção, singela, eloquentemente, dirige-se aos espectadores:

— *Agradeço-lhes profundamente. Não mereço os vossos aplausos. O que fiz foi trabalhar para enaltecer o nome Português.*

Voz apenas audível, recatada, intima, sincera. E ainda agora nos

perguntamos, mudos de espanto: Como pôde essa voz chegar, perturbar todos os corações? Nunca — nunca! — ouvimos palmas tam fortes, tam desassombradas, tam sinceras.

*
 Essa consagração, de grande significado moral e social, não pode ficar restrita á meia duzia de linhas que escrevemos. E' preciso que os Portuenses que não estiveram no «Rivoli», que todos os Portugueses, saibam o que ali disse, com empolgante eloquencia, o sr. dr. Joaquim Costa. E que conheçam, tambem, os nomes que firmaram o Auto — um dos quais, Teixeira Lopes, representa, só por si, uma Pátria. Mas o espaço não é muito — e a hora vai alta. Amanhã, com detença, nos ocuparemos do acontecimento.

*
 Já meia noite, alterada a ordem do programa, Guilhermina Suggia volta ao palco — executando a «suite» em dó, de Bach. Dos seis andamentos — «Sarabande» e «Bourrée» erguem a sala. Não é apenas a técnica, a segurança, a maestria da execução. E' o virtuosismo, a paixão — a alma. Essa «suite», que tem em Suggia a maior das interpretes, faz-nos compreender a frase conhecida de Schumann — a frase que o bem organizado programa do Concerto não se esqueceu de lembrar: — «A musica deve tanto a Bach como uma religião ao seu fundador.»

*
 E a Grande Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional, sob a regencia segura e intelligentissima de Pedro de Freitas Branco, dá-nos a obra prima de Falla — «El sombrero de três picos» — sempre ansiosamente aguardada e delirantemente aplaudida. O nacionalismo sadio do discipulo genial de Pedrell, que bebe nas origens os motivos da maxima beleza, esplende, forte, sadio, remoçante. Os bailados, frescos, vigorosos, crepitantes, excitam. Na «Dança do moleiro» — as cordas vibram intensamente. Na «Dansa final», o ultimo andamento, ha como que uma trepidação de todos os elementos sensoriais. A plateia, galvanizada, só tem uma palavra para traduzir a sua admiração e o seu aplauso. «Bravo!» Uma palavra só... Mas essa palavra diz tudo!...

*
 De novo com a Grande Orquestra — Suggia dá-nos a Espanha na visão voluptuosa de Ravel e na evocação bizarra e suntuosa do Russo Glazunov. A «Pièce en forme de Habanera» denuncia, a distancia, o artista inconcebível da «Valsa». Ha sensualidade fremente em todos os acordes. «Sérénade Espagnole», que deixa ao violoncelo as frases eternas, fica como um deslumbrante friso romantico.

«Humoreske», de Leone Sinigaglia, orquestrador de nome, enamorado por motivos regionais, fica a documentar o talento poliforme de Suggia. E' um novo triunfo — consagração maior.

Findara oficialmente o Concerto. Mas, como a plateia, entusiasmada, se não retirasse — uma hora da manhã, todos os carros perdidos — Suggia executou, acompanhada da orquestra, como já dissemos, um «andante» de Haydn, e o «Rondó», de Boccherini.

*
 Dentre as «corbeilles» que foram entregues a Guilhermina Suggia, todas maravilhosas de cor, destacaremos a de m.lle Maria Alice Ferreira — a primeira que apareceu no palco — a de m.lle Madalena da Costa, filha do illustre professor Luiz Costa, discipula muito querida da insigne artista. Luiz Costa, que tem pela arte de Suggia um nobre culto, fez parte, tambem, da Commissão de Honra da homenagem, assinando, com a esposa e filhas, m.lles Madalena e Helena Costa, o Auto da Inauguração.